

Escolhida pelo coração

A fisioterapeuta Gabriela Santana do Valle, de 43 anos, também cresceu ouvindo que não havia nascido da barriga, mas do coração. A mãe biológica de Gabriela trabalhava na casa de Fortunato Santana e Eloá Menezes de Santana, em Porto Alegre, quando descobriu que estava grávida. Sem apoio e sem condições de criar outra criança, manifestou o desejo de entregá-la para adoção.

Alguns casais demonstraram interesse, mas impuseram condições. "Queriam saber se era menino, se era menina ou se não tinha nenhum problema. Como meus pais não concordavam com esse pensamento, decidiram que ficariam com a criança", conta Gabriela.

Fortunato e Eloá já tinham quatro filhos adolescentes. Depois de conversar com todos, a família decidiu acolher Gabriela, que se tornou a caçula.

O vínculo com o pai foi construído pela presença. Militar, Fortunato estava próximo de entrar para a reserva quando a filha nasceu, e acompanhou de perto sua infância. "Ele fazia o café da manhã, me levava e buscava na escola, ia comigo às aulas de natação", lembra.

Uma das lembranças mais importantes ocorreu durante as noites. Gabriela tinha dificuldade para dormir, e o pai permanecia ao lado da cama, segurando sua mão até que ela adormecesse. "Às vezes, isso levava horas, e ele nunca reclamava ou perdia a paciência."

No casamento da filha, Fortunato esteve ao lado dela antes da entrada na igreja. "Ele olhou para mim e disse: 'Coragem!'", conta.



Fortunato Santana
acompanhou Gabriela
Santana do Valle em
todos os momentos



Fortunato e Eloá Santana deram
a Gabriela um lar e uma família,
com quatro irmãos

Gabriela, hoje mãe de duas meninas, acredita que a paternidade nasce da convivência. "O ato de gerar uma criança não torna ninguém pai ou mãe. A maternidade e a paternidade vêm do vínculo que criamos com os nossos filhos ao longo da vida", enfatiza.

Fortunato morreu em 2009. Se pudesse reencontrá-lo, ela sabe o que diria: "Gostaria muito de dar um abraço nele e dizer: 'Muito obrigada por ter me escolhido como filha'."

Pertencimento e amor

A ideia de pertencimento também acompanha a história de Thiago Porto, de 27 anos. Diferentemente de Gabriela, o estudante de economia não consegue apontar um momento em que percebeu que o pai adotivo ocupava esse lugar. Para ele, a relação sempre foi natural.

Os pais entraram na fila de adoção em 1997. Thiago nasceu em 1999 e foi adotado poucos meses depois, enquanto ainda passava por cuidados médicos. "Eu nunca tive um estranhamento ou uma sensação de que não fosse filho dele. Sempre me senti pertencente."

A presença dos pais foi constante, especialmente durante os primeiros anos, quando Thiago enfrentou problemas de saúde. "Meu pai sempre foi muito presente. Se tinha um problema na escola, de saúde ou qualquer outra situação, ele largava o que estava fazendo", diz.

Para ele, a principal lição foi a importância de cuidar da família. "Se a base não está bem consolidada e tranquila, você não consegue fazer o resto. Aprendi a colocar a família em primeiro lugar", destaca. Hoje, Thiago define o pai, Carlos Henrique Porto, de 75 anos, como uma presença que reúne diferentes papéis. "Meu pai é meu tudo. Ele é meu pai, meu amigo, psicólogo, psicoterapeuta."

Três filhas, três caminhos

A adoção fazia parte dos planos do servidor público Flávio Santiago M. Silva, de 46 anos, e da esposa, Patrícia Felix de Lima, desde a juventude. A história dela, adotada ainda bebê, também influenciou o desejo do casal.

Em 2016, Fátima, então com 7 anos, chegou à família. Anos depois, após fortalecer os vínculos, o casal iniciou um novo